

Brasil e EUA, o peso da história

» JORGE FONTOURA
Advogado e professor

Capítulo clássico no estudo de relações internacionais, como caso de bilateralismo de resultados, as interações Brasil-Estados Unidos (EUA) se desdobram ao longo do tempo, de nossa independência à República, em sucessivos episódios tanto de aproximação como de rechaço. Com a atual viagem do presidente Lula a Washington, em urgência atípica de agenda relâmpago, ainda que como hóspede na exclusiva Blair House, anexa à Casa Branca e para convidados especiais, muitas são as expectativas acerca do êxito do encontro.

Em que pese a silenciosa semântica de gestos, a visita é cheia de gargalos a poder fazer refluir velhos dilemas e desencontros. Com viagem de Estado igualmente marcada à China e com posições de neutralidade na guerra por enquanto pan-eslava, de russos e ucranianos, Lula terá que contar com muita persuasão para não se envolver e contrapor-se no imbróglgio das grandes potências. Resta contar com a prudência experimentada de dois veteranos presidentes que se encontram, balizados pelo peso da história e pelas conveniências da geopolítica.

De fato, nada de novo nas relações bilaterais, desde a visita de Dom Pedro II a Ulysses Grant, em 1876. Depois, foram densas e intensas as relações entre os dois países, alguma e outra vez de divergências brutais, é certo, mas sempre a prevalecer a continuidade de parceiros-adversários, sem rupturas, na

expressão de Raymond Aron aqui também aplicável. E foi sempre nesse padrão de convergências oscilantes, matizadas por contagiosas crises internacionais como as guerras mundiais e a guerra fria, que as relações Brasil-EUA se construíram e consolidaram.

Já em último ciclo em nosso aparvalhado século, com as semelhanças e dessemelhanças dos recentes processos sucessórios nos dois países, o encontro de Biden e de Lula é agora de notória busca de compromissos sanadores e de propostas conciliadoras, máxime na área ambiental e de segurança coletiva, com possíveis declarações e ações conjuntas pela preservação da democracia e do sistema republicano. Porém, esforços pressionados tanto por dificuldades das políticas internas como derivadas do catastrófico cenário externo: uma possível terceira guerra mundial em gestação, China versus EUA, uma guerra real em curso, Rússia versus Ucrânia, a envolver a Otan, sem esquecer o Oriente Médio prestes a explodir às barbas do Irã e de suas paradoxais bombas secretas mas ostensivas.

Player global, aspirante a assento qualificado nas Nações Unidas, cioso de sua tradição conciliadora a manter relações amistosas com os demais países, fatalmente o presidente brasileiro será instado a assumir posições na governança mundial. A começar por inadiável volta de negociações pacíficas de controvérsias e imediato banimento do uso da força no quadro de beligerância que colapsa o sistema intencional.

A crise sem precedentes que coenvolve os próprios membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) detentores de poder de veto e, mais do que isso, de ilimitados arsenais nucleares.

Não menos complexas serão as tratativas concernentes à questão ambiental e à crise climática, quando, no entanto, o Brasil poderá beneficiar-se da adesão dos EUA ao Fundo Amazônia, por enquanto apoiado limitadamente por países europeus, principalmente Noruega e Alemanha. Para além dos aspectos financeiros, a presença norte-americana possuiria forte caráter simbólico, a inserir-se na agenda de incentivos coordenados pelo ex-presidente John Kerry, o representante especial de Biden para a diplomacia ambiental. A contar com esse efeito, ainda que sem expectativas de grandes anúncios, a viagem de Lula aos EUA poderia ser proveitosa, com nova postura cooperativa externa a programas de preservação do meio ambiente.

Um avanço, quando muito, a levar-se em conta os limites do possível diante de angústias comuns a afligir o mundo: a guerra de Putin com ameaças nucleares, os conflitos comerciais sino-americanos e seus balões espíões, as reivindicações territoriais do Japão e da Índia a açular o dragão chinês, ou a independência de Taiwan também em afronta a Pequim. As agendas belicosas do mundo em irremediável confronto.



G O M E Z

A nova medicina na luta contra o câncer

» GUSTAVO FERNANDES
Oncologista e diretor da Dasa Oncologia

Em 2625 a.C., Imhotep, grande intelectual da época, descreveu o câncer como uma doença grave e sem tratamento. Durante milênios — isso mesmo — a doença foi considerada como uma sentença. Falar sobre câncer não é um tabu de hoje, é milenar e, por seu tempo, essa forma de se referir a ele fez jus à mortalidade que gerava. O tempo passou e, felizmente, o mundo foi iluminado pelo conhecimento, pela ciência. A vida foi estendida, mais que dobrou em média, as doenças infecciosas e cardiovasculares foram compreendidas e dominadas. O câncer precisava ser enfrentado.

Nas décadas de 1960 e 1970, o mundo viu o início da “guerra ao câncer”, como declarou o presidente Nixon em 1971, quando destinou esforços e verbas federais para derrotar a doença. Nessa direção, esforços da sociedade, dos cientistas, dos governos e, principalmente, dos pacientes, resultaram em uma redução bastante significativa da mortalidade por câncer, que cai, aproximadamente 1% anualmente há mais de 30 anos.

A tecnologia transformou os tratamentos tradicionais, que passaram a ser menos penosos e mais eficazes, novas terapias foram incorporadas e são lindas na essência, como a imunoterapia e a manipulação de linfócitos contra o câncer conhecida como CAR-T. Até a pandemia nos ajudou a acelerar, dando muita velocidade ao desenvolvimento de tecnologia de RNA recombinante e destravando o uso de telemedicina e da navegação.

Atualmente, os instrumentos para manter o câncer longe estão em nossas mãos, dependem muito de inteligência e integração do seu uso.

As ferramentas para diagnóstico precoce existem, porém precisam ser mais utilizadas. Exames com resultados alterados precisam ser ativamente seguidos. Sintomas iniciais não podem ser negligenciados. O bom cuidado passa por prevenção, com medidas clássicas de promoção à saúde, como boa alimentação e atividade física, mas também passa pelo uso inteligente de métodos diagnósticos e coordenação ágil das necessidades terapêuticas, algo que só compreende quem vive um mundo onde o menu de terapias é cada vez mais extenso, complexo e personalizado.

Cirurgia aberta, robótica, laparoscópica, radiocirurgia, radioterapia, quimioterapia, biópsia, painel genético, oncologista, terapia alvo, imunoterapia, hormonioterapia, fisioterapia, endoscopia... São dezenas as modalidades de métodos diagnósticos, especialistas e terapias aos quais os pacientes podem ser direcionados para ter as necessidades atendidas. O caminhar de uma vida humana por essa estrada não é banal e, principalmente, não pode ser displicente ou descoordenado. A complexidade e o número de opções nos fazem precisar de mapas, de controladores de voos, de wazes para obter os melhores resultados, os menores percursos.

Em função da navegação do paciente, a oncologia tem afinidade total com redes integradas de saúde que podem cuidar do indivíduo de maneira fluida e conectada. Afinal, a oncologia representa a necessidade de integração e coordenação no cuidado em todas as etapas da atenção: primária, secundária e de alta complexidade, além do acompanhamento pós-tratamento. É verdade, com tecnologia e integração, conseguimos

reduzir de 60 para 15 dias o tempo entre o diagnóstico do câncer e o início do tratamento.

Mais do que cuidar da doença, devemos promover a saúde. Pesquisas da American Cancer Society de 2022 sustentam que uma proporção substancial de cânceres poderia ser evitada pelo não uso do tabaco e outros comportamentos pouco saudáveis, como excesso de peso corporal, consumo excessivo de álcool, má nutrição e inatividade física. Excluindo câncer de pele não melanoma, pelo menos 42% dos cânceres recém-diagnosticados nos EUA — cerca de 805.600 casos em 2022.

Além disso, cânceres causados por agentes infecciosos, como o papilomavírus humano (HPV) e os vírus das hepatites B (HBV) e C (HCV) poderiam ser prevenidos por meio da vacinação. Os mais de 180 mil casos de câncer de pele registrados pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca) em 2022 no Brasil poderiam ser prevenidos por proteger a pele da exposição excessiva ao sol e não usando aparelhos de bronzamento artificial.

Uma parte da solução do problema está na prevenção. Mudanças no estilo de vida são importantes para evitar doenças e é um compromisso individual grande e intransferível, mas a educação tem seu papel. Avanços como a inteligência artificial e algoritmos no rastreamento abrem um horizonte promissor na luta contra o câncer, mas não são o bastante para evitar a doença em todos. Tecnologia e ações de prevenção caminham lado a lado para termos uma população mais saudável. Essa é uma responsabilidade médica, dos sistemas de saúde e, também, de cada um de nós.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Uma reforma para cada gosto

Discutir agora, até formatar uma legislação atualizada e necessária de reforma tributária, torna-se um assunto deveras delicado, quando se verifica, a priori, que o atual governo chegou ao poder sem sequer apresentar, previamente, quaisquer propostas ou rabiscos de planos econômicos, muito menos relativos à questão de cobrança de tributos e impostos.

Por sua relevância e urgência, a reforma tributária, desde sempre, se tornou um assunto vital para economias emergentes como o Brasil, abalado por crises como a pandemia, guerras e outros contratempos dentro e fora do país. Trata-se aqui de uma reforma, que poderia muito bem ser precedida de outra reforma, talvez mais urgente e primária que, nesse caso, seria a reforma política. O motivo é claro: é na classe política, tanto aquela com assento no Congresso quanto nos estados e municípios que residem os conflitos de interesses de toda a ordem sobre esse assunto.

Privilegios políticos não condizem com uma reforma tributária ética e racional. Também é no governo federal, por razões ideológicas e outras de igual calibre, que estão concentrados os maiores esforços para que uma nova estrutura de reforma tributária seja armada, a tempo de salvar um barco que não apenas parece sem direção, mas que, seguramente, se dirige rumo ao passado e de encontro aos tempos nefastos de inflação alta, recessão e outros desastres cíclicos advindos sempre do improviso. Para a sociedade e para o empresariado em geral, sobretudo aqueles que não têm a força do lobby, a reforma tributária que virá não será a necessária e pode até se situar muito aquém do que a base da pirâmide necessita.

De fato, essas camadas, como base de sustentação da economia, poderão se contentar apenas com uma simplificação de regras tributárias, já que a diminuição na carga tributária, que seria o desejo mais acalentado pelos trabalhadores, dificilmente irá acontecer. É sabido que governos só sobrevivem por contar com recursos abundantes para gastar sem contrapartidas. Não há cobrança de resultados. Os limites impostos pela coerência na cobrança de tributos impostos serão, mais uma vez, tão respeitados como o foram o Teto de Gastos e a Lei das Estatais, que viraram pó de farinha.

É preciso arrancar mais recursos dos empresários, ainda mais quando é o próprio governo que, inacreditavelmente, afirma que eles não trabalham e vivem apenas da exploração dos seus empregados. Muitos neste país desconfiam das intenções do governo e da classe política, principalmente porque, nesse meio, as agruras e esforços para produzir riquezas não são conhecidos.

Reforma tributária para valer só poderia ser concreta e justamente formulada se vinda de uma ampla consulta sobre o tema. Qualquer reforma tributária que venha de cima para baixo não servirá aos pequenos e médios empresários e muito menos à população em geral, mas apenas para atender necessidades de momento ou para abarrotar os cofres públicos de recursos que poderão, inclusive, ser destinados para obras nos países de mesmo credo ideológico. Incluído nesse bolo azedo a tão detestada classe média, que segundo o próprio governo ostenta padrões de vida muito acima daqueles verificados nos países desenvolvidos. Pela qualidade da árvore em questão, de onde sairão os frutos da pretendida reforma tributária, dá para antecipar que nada de bom virá para todos, exceto para os que orbitam as imediações do poder.

» A frase que foi pronunciada

“Haverá salvação para um país que se declara “deitado eternamente em berço esplêndido” e cujo maior exemplo de dinâmica associativa espontânea é o carnaval?”

Roberto Campos

Reconhecimento

» Mario Vargas Llosa, nascido em 1936 em Arequipa, Peru, está em Paris. Ocupa agora a cadeira 18 da Academia Francesa de Letras. A instituição divulga que, assim, se realiza “um sonho da sua juventude” — conforme confidenciou o seu tradutor francês, Albert Bensoussan. Essa é a primeira vez que tamanha honra é concedida a um autor que não publicou um único livro escrito em francês.

Isso pode, Arnaldo?

» Não teremos a presença de um parente na celebração da chegada de mais um bebê na família porque a Latam cancelou o voo. Ainda houve uma proposta de passar 24 horas dentro de um avião, mas mesmo assim não chegaria a tempo no evento. Seu voo foi cancelado — informação crítica. Lamentamos comunicar o cancelamento de seu voo LA8181.

» História de Brasília

Os ônibus chapa branca não estão dando mais caronas às crianças que saem ou se destinam às escolas. Outro dia, o da Fundação Brasil Central fez uma professora da Escola Classe 106 descer do veículo, com chuva, sob a alegação de que não era funcionária. (Publicada em 15/3/1962)